

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL
CURSO DE LETRAS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

ANGELA MARIA DA SILVA

A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DO PERSONAGEM JOSÉ CORDEIRO NA OBRA
CACAU DE JORGE AMADO

PATU - RN
2018

ANGELA MARIA DA SILVA

**A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DO PERSONAGEM JOSÉ CORDEIRO NA OBRA
CACAU DE JORGE AMADO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras do Campus Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres

PATU - RN
2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586c Silva, Angela Maria da
A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DO PERSONAGEM JOSÉ CORDEIRO NA OBRA CACAU DE JORGE AMADO. / Angela Maria da Silva. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado de Patu, 2018. 51p.
Orientador(a): Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Cacau. 2. Modernismo. 3. Personagem. 4. Jorge Amado. 5. Socialismo. I. Torres, Leandro Rodrigues. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ANGELA MARIA DA SILVA

**A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DO PERSONAGEM JOSÉ CORDEIRO NA OBRA
CACAU DE JORGE AMADO**

A presente monografia foi aceita pelo Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sendo aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, abaixo especificada.

Aprovado em 17/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres
Orientador
(CAP-UERN)

Prof. Me. Gleison Carlos Souza Morais
Examinador
(CAP-UERN)

Prof. Ma. Laura Amélia Fernandes Barreto
Examinadora
(UERN)

PATU - RN
2018

Ao meu esposo que sempre esteve do meu lado durante toda minha trajetória universitária, aos meus pais que mesmo não tendo oportunidades de estudar não permitiram que isso também acontecesse com seus filhos, e a minha ex-professora Larissa Cristina Viana que me fez despertar o gosto pela literatura e foi quem me deu oportunidade de conhecer a obra *Cacau*.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter sempre me ajudado me dando força, sabedoria, paciência, coragem, fé, esperança e melhora dos meus problemas de saúde, mas que graças a tudo isso permitiu que eu não desistisse do meu sonho e da oportunidade de cursar uma faculdade pública.

Ao meu esposo José Wexley da Silva que sempre acreditou no meu potencial, por sempre ter confiado em mim e ter-me dado força nas adversidades; incentivou-me para continuar quando pensava em desistir diante de problemas de saúde que enfrentei e me apoiou ajudando nas tarefas domésticas para que eu pudesse cumprir meus trabalhos acadêmicos, foi meu motivo singular para seguir na realização desse sonho.

Agradeço aos meus pais que mesmo sendo uma família simples de meio rural, sempre lutaram para que seus filhos pudessem estudar.

Meus agradecimentos a meu pai, homem guerreiro, porque muitas vezes não tinha em que voltar da universidade para casa, visto que o município onde morava não oferecia transporte para faculdade nesse horário, e ele vinha me buscar em uma motocicleta, atravessando vários quilômetros de estrada e enfrentando o sol e os perigos do trânsito.

À Universidade do estado do Rio Grande do Norte que me proporcionou a oportunidade de vivenciar o meio acadêmico durante esses anos.

A todos os professores e funcionários as que de alguma forma contribuíram para minha formação.

Em especial as professoras mestras Larissa Cristina Viana Lopes e Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo.

E ao meu orientador Leandro Rodrigues Torres por ter me aceitado como orientanda, mostrando total empenho e dedicação nesta tarefa crucial à minha formação.

Aos demais membros participantes da Banca Examinadora: professora mestra Laura Amélia Fernandes Barreto e professor mestre Gleison Carlos Souza Moraes por terem aceitado o convite para participarem como examinadores.

Agradeço aos colegas da turma em especial Janiele Suyane de Lima que desde o início do curso mostrou-se uma grande amiga, Joao Eudes de Oliveira que embora não pertençamos à mesma turma se tornou um grande amigo e pelas muitas vezes que me deu carona para ir para a universidade e para o estagio quando não tinha transporte e companheiro assíduo para

realização o estagio supervisionado II e Algevânia Clemente de Queiroz pelo seu apoio e palavras de confiança em mim e no meu trabalho.

E aos meus amigos e familiares que sempre torceram por mim, que estavam sempre por perto e me estenderam a mão quando precisei, trouxeram muitas palavras de ânimo que serviram como combustível e me ajudou na caminhada.

A todos os meus sinceros agradecimentos, muito obrigada!

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.”

Thomas Jefferson.

RESUMO

Tomando como base o processo histórico-social de construção da literatura, especialmente a literatura brasileira no período modernista, em que se vivenciavam grandes transformações da parte dos artistas que se revoltaram com os antigos modelos exigidos para a arte, eles enxergaram a necessidade de mudanças diante do desejo massivo pelo novo já que a sociedade se modernizara. Então surge uma geração de escritores que travaram combates nessa luta na busca de produzir uma literatura propriamente brasileira e moderna, para isso os escritores criticavam os problemas existentes na sociedade, e uma das diversas formas de fazer isso era retratando a realidade das classes desfavorecidas. Foi o que o escritor brasileiro Jorge Amado fez em suas obras, uma dessas foi o romance *Cacau* que constitui o *corpus* desta pesquisa, em que retrata a vida dos operários submetidos ao trabalho semiescravo em uma fazenda na produção de cacau no sul do estado baiano. Tendo com base esses pressupostos este trabalho tem como objetivo geral analisar a consciência de classe do personagem José Cordeiro na obra *Cacau*. Essa pesquisa será feita a partir de uma revisão bibliográfica, norteadas pelos estudos de João Paulo Ferreira dos Santos (2017), José Luís Jobim e Roberto Acízelo de Souza (1987), Maria Alice da Silva Braga (2009), Douglas Tufano (1983) e Antonio Candido e J. Aderaldo Castello (1997) teóricos que abordam o período do modernismo brasileiro. Em seguida, para realizar uma análise de *Cacau* se destacará alguns de seus trechos confrontando-os com as ideias apresentadas pelas teorias que suportam esta pesquisa. Para isso serão evidenciados os traços socialistas com base na visão de Karl Marx e Friedrich Engels (2014), onde se destaca a crítica marxista. Este trabalho discute teorias sobre a personagem literária à luz dos pressupostos de Renata Pallottini (1989), Candida Vilares Gancho (1994), João Paulo Ferreira Dos Santos (2017), Antonio Candido e J. Aderaldo Castello (1997), José Luís Jobim e Roberto Acízelo de Souza (1987), Maria Alice da Silva Braga (2009) e Antonio Cândido (2009). Assim pretende-se analisar a consciência de classe do personagem José Cordeiro na obra *Cacau*. Com a realização desta pesquisa, foi possível conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento da literatura e o seu surgimento em meio às transformações políticas, econômicas, artísticas, arquitetônicas e sociais. E consequentemente tornou-se possível adquirir maior esclarecimento quanto à oposição entre burguês *versus* proletário e as condições para o surgimento da revolta e união proletária na luta por igualdade.

Palavras-chave: Cacau. Modernismo. Personagem. Jorge Amado. Socialismo.

ABSTRACT

Considering the social-historic process modern literature's formation, emphasizing the Brazilian literature in the modernism period passing through expressive transformation in art and society that made a new generation of writers looking for authenticity and emancipation in a sense to construct their own Brazilian modern literature. A way to expose their own identity was criticizing the society and describing the daily problems in Brazil, using irony, exaggeration, parody and their own style to describe and ask attention for Brazilian society problems such as social inequality. In this sense, Jorge Amado, one of the most famous Brazilians writers from modernism, write about Brazilians problems. One of Amado's work a novel called *Cacau*, the *corpus* of this research, narrative that exposes the lives of workers in a farm of cacao located in the Bahia's south. The novel shows the exploration of work and the social inequality by the point of view of José Cordeiro. Thus, the main goal of this study is to analyze the class-consciousness of the main character, José Cordeiro. Considering this, authors who supports this bibliographic research are João Paulo Ferreira dos Santos (2017), José Luís Jobim e Roberto Acízelo de Souza (1987), Maria Alice da Silva Braga (2009), Douglas Tufano (1983) e Antonio Candido e J. Aderaldo Castello (1997), theorists that disserts about modernism period. So, this work investigate about the class-consciousness of main character and narrator, to make this analysis the Marxist theory was used, Karl Marx and Friedrich Engels (2014) supported this study. To analyze and discuss the character, theorists who supported this work are Renata Pallottini (1989), Candida Vilarés Gancho (1994), João Paulo Ferreira Dos Santos (2017), Antonio Candido e J. Aderaldo Castello (1997), José Luís Jobim e Roberto Acízelo de Souza (1987), Maria Alice da Silva Braga (2009) e Antonio Cândido (2009). Thus, this work helped the author to expand his knowledge about modernism in Brazil and about what happened in Brazil, the changes and events that contribute to formation of modernism expression in literature. Besides that, this work clarify about the class struggle and the opposition between proletariat and bourgeoisie.

Keywords: Cacau. Modernism. Character. Jorge Amado. Socialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 AS MUDANÇAS DO MUNDO MODERNO E A ARTE	15
2.1 A revolução industrial e o modernismo.....	15
2.2 A literatura modernista brasileira.....	17
2.3 Um breve destaque para a arte da poesia modernista no Brasil.....	22
2.4 A prosa modernista	23
3 JOSÉ CORDEIRO E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE	25
3.1 A história de José Cordeiro	25
3.2 A identificação com Colodino e a oposição a Algemiro	29
3.3 A oposição entre burguesia e trabalhadores sob a ótica de Cordeiro	31
3.4 O amadurecimento com Mária	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da produção de textos literários, os escritores tentam produzir algo que de certa forma representasse fatos ou acontecimentos de uma sociedade, e que se pode dizer que a literatura é um meio de mimetizar a realidade de uma época ou período vivido pela sociedade.

Com base nesta questão pode-se destacar a literatura brasileira, que desde seu início tentou mostrar esses aspectos, embora em muitos períodos ela tenha se baseado no estilo europeu, aos poucos que foi adquirindo características próprias, ou seja, produziu literatura autenticamente brasileira, mostrando por meio de suas obras a realidade, os problemas, a cultura, linguagem, transformações dessa sociedade.

Ao tomar conhecimento da obra *Cacau* percebe-se a grande importância que a mesma tem, não só na literatura, mas em outras áreas de conhecimento como a sociologia, pois ela serve como forma de denúncia aos problemas sociais existentes não só daquela época, mas também dos que persistem até os dias atuais. Diante disso, surge a importância de uma análise mais profunda desta obra que é tão essencial para a construção de conhecimentos humano como pesquisadores e como ser social.

Desta forma este trabalho propõe por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa mostrar as diferenças de classes contidas na obra *Cacau* norteado pelos estudos sociológicos de Karl Max e protagonizado pelo narrador-personagem José Cordeiro e os demais trabalhadores da fazenda Fraternidade. Para mais se entende que realização desta pesquisa contribuirá tanto para que a obra *Cacau* torne-se mais apreciada pelos leitores como também conhecer um pouco mais sobre o socialismo do filósofo Karl Marx por meio dos levantamentos apresentados neste trabalho.

Estes cenários de contrastes sociais são fenômenos frequentemente noticiados nos telejornais que apresentam o que acontece no Brasil e em outros países mais pobres da América do Sul e da África. Isso acontece pelo fato de sempre existir problemas como novas formas de escravidão, desigualdade social, falta de moradia, desemprego e a fome, que insistem em resistir aos esforços da população e das gestões públicas afetando uma parcela considerável de cidadãos.

Muitos dos escritores viram a literatura como ferramenta para manifestar suas críticas a essas diversas situações, pode-se tomar como exemplo o período literário Modernista brasileiro que teve início com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, palco para os artistas

se manifestarem por meio das suas artes na tentativa de romper com os padrões tradicionais; uma vez que esse clima de mudança surgiu diante de grandes transformações ocorridas no Brasil e no mundo, como primeira guerra mundial, revolução industrial, quebra da Bolsa de valores em Nova York.

Tendo em vista a situação, o início do século XX, especificamente na década de trinta, escritores como José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Lima Barreto e João Antônio se manifestaram por meio da literatura como forma de denúncia social através de obras literárias como *Vidas secas*, *O quinze*, *A bagaceira* entre outras, muitos deles deram destaque às classes menos favorecidas. Esses autores viam na literatura uma maneira de criticar e se expressar diante de sistemas sociais desumanos como a ditadura militar e o coronelismo que coexistiram com outras mazelas há décadas em terras brasileiras.

Assim, uma obra que mimetizou a realidade brasileira expondo as mazelas sociais de sua época de forma sublime é a narrativa literária *Cacau* do autor Jorge Amado. O escritor baiano se destacou na literatura pela qualidade de sua obra carregada de crítica social, visto por João Paulo Ferreira dos Santos (2017) como revolucionário. Amado, em seus romances, deu destaque às classes menos favorecidas, à desigualdade social e ao proletariado.

Se tomarmos como base as afirmações de Santos (2017), o escritor modernista brasileiro Jorge Amado é visto como crítico e revolucionário diante da sociedade de sua época onde retratou muito bem em suas narrativas os problemas sociais existentes no Brasil. Vez que, era por meio de suas obras que os escritores se manifestavam diante do contexto em que estavam inseridos, como desigualdade social, a miséria, a flagelação do proletariado e etc. Ferreira (2018) postula que:

[...] Jorge Amado é um dos autores mais lidos no Brasil e também no mundo. E não casualmente. A sua literatura, de algum modo, releva-se com um universo vivo, um cosmos em que o ficcional conecta-se ao mundo real, transfigurando a vida em seu fluxo contínuo e contraditório. Visto dessa perspectiva, ao mesmo tempo em que se permite um reconhecimento da produção estético-literária, bem como da genialidade inventiva do autor (atrelada intimamente com suas experiências culturais e políticas) [...] (FERREIRA, 2018, p. 68).

Diante de um contexto vivenciado no Brasil cheio de grandes transformações, o escritor Jorge Amado, representante do Partido Comunista Brasileiro, traz para suas obras um retrato de como se apresentava o nosso país nessa época por meio dos aspectos políticos e sociais ele tentava mostrar como era a realidade vivida, como uma espécie de crítica, o qual era contra o modo de governo exercido pela atual presidência ditatorial de Vargas.

Desse modo, a obra *Cacau*, publicada em 1933, o *corpus* desta pesquisa, evidência uma tendência socialista do narrador personagem, vez que esse fato se verifica a todo o momento em que a obra nos revela o modo como o protagonista interage com cada cena ou com os demais personagens do enredo, expondo a ideologia do proletariado e a consciência do homem que sabe o lugar que ocupa no mundo.

Na narrativa, José Cordeiro que é o narrador e, ao mesmo tempo, personagem, filho de um dono de uma fábrica, após a morte de seu pai, sua família perde todos seus bens, e Cordeiro é obrigado a trabalhar para seu tio, devido a uma divergência com o parente é despedido e, em busca de trabalho, viaja para o Sul da Bahia. Época de grande produção de cacau, na qual a personagem passa muitas necessidades e só consegue emprego na fazenda do coronel Mizael Teles onde é submetido a um trabalho semiescravo.

Ao conhecer a obra percebe-se que o operário é visto como objeto de exploração submetido a longas jornadas de trabalho, péssimas condições de moradia, má remuneração e sujeito a comprar pouco e caro os produtos básicos é o que acontece com o protagonista José Cordeiro e seus colegas na fazenda Fraternidade do coronel Mizael Teles, sendo que estes fatos configuram algumas marcas da década de 1930.

Os episódios de manifestações que caracterizam esses fatos sempre aconteceram de forma natural ao longo da história da humanidade, uma vez que os indivíduos com ideais semelhantes tendem a unirem-se e transformarem seus anseios em motivos para lutar pela concretização de suas ideologias.

Dentre as possibilidades de cunho científico que a obra *Cacau* se enquadra, faz-se necessário destacar que para realização deste trabalho há uma busca para resposta à seguinte questão: Como é representada a luta de classes na obra *Cacau* sob a ótica da personagem Cordeiro? Tendo em vista esses aspectos na referida obra não muito diferente da realidade brasileira vivida na época atual e tomando-se como base a inquietação de pesquisa, surge como objetivo geral analisar a consciência de classe da personagem José Cordeiro.

Em consequência da metodologia aplicada à pesquisa e em função do objetivo geral referente a este trabalho surgem os seguintes objetivos específicos como: Descrever a consciência de classe da personagem José Cordeiro; Analisar a representação da burguesia e do proletariado; Caracterizar a personagem José Cordeiro em oposição a Algemiro e como metáfora de Colodino.

Ao interagir com o enredo, percebe-se a grande importância que a obra tem, não só na literatura, mas em outras áreas de conhecimento como a sociologia, pois ela serve como

forma de denúncia aos problemas sociais existentes naquela época da geração de 30, e também dos dias atuais como a desigualdade social, o abuso de poder e a corrupção. Diante disso, surge a importância de uma análise mais profunda desta obra que é tão essencial para nossos conhecimentos como pesquisadores e como seres sociais.

Em relação à estrutura deste estudo, será feita a partir de pesquisas na forma de revisão bibliográfica que segundo Prestes (2008) esse tipo de pesquisa se concretiza em tentativas de resolução do problema como também adquirir conhecimentos através de trabalhos e obras, escritas e mídias digitais. De forma qualitativa, pois os resultados deste trabalho serão produzidos a partir da análise subjetiva de seus pesquisadores, obtida por meio da leitura de livros como *O manifesto do partido comunista* e *presença da literatura brasileira: História e crítica*, dissertação como *Jorge Amado e o romance histórico do cacau*. Para que se possa compreender e melhor articular o entrecruzamento ideológico. Pretende-se dividir este trabalho em três partes.

O primeiro capítulo contendo a introdução do trabalho, apresentando a problematização do tema e toda estruturação, Em virtude de *Cacau* pertencer ao período literário do modernismo brasileiro, especificamente à geração de 30, teremos no segundo capítulo uma abordagem restrita sobre esse período artístico na perspectiva de Santos (2017), Jobim e Souza (1987), Braga (2009), Tufano (1983) e Candido e Castello (1997).

No terceiro capítulo apresentaremos uma análise do romance *Cacau* destacando alguns trechos do livro e confrontando as ideias apresentadas pelas teorias que suportam esta pesquisa. Para isso serão evidenciados os traços socialistas com base na visão de Karl Marx e Friedrich Engels (2014). Desse modo, será analisado pelo viés da crítica marxista a consciência de classe da personagem José Cordeiro. E ainda serão levantadas algumas discussões teóricas sobre a personagem à luz dos pressupostos de Renata Pallottini (1989), Gancho (1994) e Candido (2009). Para tanto, esta investigação será igualmente fundamentada nos pressupostos de teóricos como João Paulo Ferreira Dos Santos (2017), Karl Marx e Friedrich Engels (2014), Candido e Castello (1997), Renata Pallottini (1989), Jobim e Souza (1987), Braga (2009), Cândido (2009) e Gancho (1994).

Dessa forma entende-se que realização desta pesquisa contribuirá tanto para que a obra *Cacau* torne-se mais apreciada pelos leitores como também conhecer um pouco mais sobre o socialismo do filósofo Karl Marx por meio dos levantamentos apresentados neste trabalho.

2 AS MUDANÇAS DO MUNDO MODERNO E A ARTE

Este capítulo tem-se uma breve discursão teórica sobre o período literário modernista brasileiro cujo qual o escritor Jorge Amado autor do livro *Cacau* fez parte, aonde será levantado alguns pontos: Como o modernismo surgiu mundialmente; As primeiras manifestações artísticas; Como surgiu no Brasil; como é arte moderna brasileira e a prosa modernista brasileira iniciada na década de trinta. Para entender melhor esse movimento artístico e cultural que foi um momento marcante na literatura brasileira, e que fez surgir grandes escritores renomados.

2.1 A revolução industrial e o modernismo

Pelo que é possível observar ao longo da história da Humanidade todas as mudanças que ocorreram tiveram um cenário precedente que já não atendia aos anseios de seus usuários, com o modernismo não foi diferente vez que o mesmo teve seu surgimento em decorrência de antecessores como o parnasianismo e o simbolismo que já não estavam atendendo as expectativas da época. Em Jobim e Souza (1987) pode-se entender que no começo do século XX houve grande inquietação com relação à arte no continente europeu, pelo fato de os artistas dessa época encontram-se insatisfeitos com os padrões tradicionais das artes, como a valorização da forma e a estética parnasiana nos textos literários.

Também era nítido o uso de uma linguagem muito científica, sem liberdade de expressão, o que a tornava previsível, então surge o desejo pela mudança, por algo novo que contrariasse esses modelos; pode-se dizer que os modernistas vieram de certa forma, para quebrar esses paradigmas até então existentes e um meio que usavam para combatê-los era através de produção de manifestos para expressarem suas insatisfações e anseios de mudanças.

A aquisição de um conhecimento mais amplo sobre o modernismo pode ser construído segundo duas vertentes que para Braga (2009) esse fato se traduz em entender esse momento literário nacionalmente e internacionalmente, pelo fato de ter surgido fora do Brasil, ele se expande principalmente em muitos países europeus em consequência da modernização desse período. Em consequência da revolução industrial, em que a sociedade teve que se adequar a novas formas de trabalho e produção que com o surgimento das máquinas o homem além de trabalhar precisa acompanhar o ritmo destas.

Para compreender o que impulsionou essa atitude histórica para o surgimento dessa nova forma de se fazer arte, deve-se considerar o comportamento mundial principalmente no que diz respeito à: participação dos Estados Unidos que foi bastante satisfatória na 1ª guerra mundial; o surgimento da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) após a vitória da revolução bolchevista e a indústria americana e seus interesses econômicos se expandirem pelo mundo tomando o espaço perdido pelo caminho industrial pré-existente.

Em consonância com Jobim e Souza (1987), no começo do século XX, a Inglaterra vai perdendo seu domínio devido a seus interesses comerciais é ameaçado pela Alemanha. Enquanto isso, o domínio dos Estados Unidos vai crescendo e assume uma posição de liderança no continente americano, que devido isso na Europa, devido aos jogos de interesses entre as grandes potências, tem como consequência a primeira guerra mundial devido a seu sucesso na guerra os Estados Unidos torna-se grande potência e surge também a união de repúblicas socialistas soviéticas.

Esse foi um momento de grande agitação no continente americano interrompido com a quebra da bolsa de valores em Nova York em 1929. Ainda no cenário do pós-guerra em 1919, depois do conflito Mussolini organiza o fascismo na Itália, Hitler colabora para a criação do partido nacional socialista da classe operária alemã e depois este mesmo partido chegou a exercer o poder onde foi implantado o nazismo.

Tendo vários fatores que influenciaram o modernismo em várias partes do mundo, Braga (2009) fala que a grande contribuição para o aceleração das rupturas nas artes pode ter sido a primeira guerra mundial e a revolução soviética em que essas rupturas mostram o grande momento de oscilação vivido no continente europeu no século XX e um grande exemplo dessa agitação foram às vanguardas que provocou reflexões as formas das artes em meio a um novo mundo que modificou este século. A primeira vanguarda europeia ficou denominada de futurismo e para tanto Braga (2009) afirma que o termo tem como significado a consciência de futuro. Esses movimentos vanguardistas não só ocorreram na literatura, mas em outras formas de artes como a pintura e depois do futurismo surgiram outros movimentos vanguardistas:

O cubismo que se manifesta em outros tipos de artes além da literatura como a pintura, que questiona o descritivíssimo e condenam o renascimento procurando novos modos de representação do mundo onde um dos principais pintores foi Picasso; O Dadaísmo que pelo seu caráter de destaque a desconstruções das formas e valores foi considerado o mais radical desses movimentos vanguardistas, o termo Dadá não possui um significado; O

expressionismo surgido por grupo de pintores chamado A ponte ele nasce nas artes visuais manifestando-se também na poesia e na prosa que acaba repercutindo na arquitetura, na música, no cinema, na política, na filosofia e no urbanismo.

As principais temáticas abordadas pelo expressionismo são a queda da burguesia; demonstrar a crise do universo; desanimo em meio a um mundo sem alma ; e o surrealismo que tinha André Breton como principal representante, suas principais temáticas eram algo que fosse além do real, como o maravilhoso, o sonho, o inconsciente, as alucinações e a loucura, em que só não influencia o mundo da música.

Jobim e Souza (1987) dizem que esses movimentos se distinguiam uns dos outros, mas também eram correspondentes levando em consideração que todos eles desprezavam os modelos seguidos até então, e que deviam produzir de acordo com as novas temáticas advindas de um novo século com a revolução industrial, o surgimento das máquinas e a modificação das estruturas sociais, como a relação de trabalho e o modo de produção capitalista, entre outros. Esses movimentos e modificações na sociedade foram significativos e acabaram impactando no meio artístico em que esse clima de mudanças acabara por chegar às terras brasileiras.

Par tanto, Braga (2009) ainda diz que os resultados dessa renovação são as modernas experiências que o sujeito passa a vivenciar, sendo que essas novas formas se constituem por um paradoxo, sejam no meio urbano que o permite novas realizações, seja no campo das emoções provocadas como a solidão e o mal-estar na civilização, termos que nomearam uma das obras mais famosas de Sigmund Freud.

2.2 A literatura modernista brasileira

O surgimento do modernismo brasileiro como uma nova escola literária aconteceu devido vários fatores que influenciaram e direcionaram a necessidade de um movimento de transformação, que segundo Braga (2009) diz que a propagação do modernismo não foi diferente de outras escolas literárias, foi preciso passar por um processo histórico-cultural como a urbanização, o aumento das indústrias e a imigração e que atinge desde a população até a arte.

Tomando como exemplo a literatura brasileira, como postula Jobim e Souza (1987) que na sua iniciação teve bastante interferência dos modelos de produção escrita europeia mesmo trazendo temáticas brasileiras. Mas em relação a seu aspecto histórico ao passar do tempo e com o processo de desenvolvimento do Brasil a literatura brasileira evolui e após

séculos consegue ter características próprias se afastando dos padrões portugueses sendo que a primeira tentativa de afastamento foi após a independência do Brasil.

Com base nesse raciocínio, podem-se destacar, grosso modo, as vertentes da literatura brasileira e da literatura estrangeira, em especial, a portuguesa, pelo fato da contribuição na construção da história do Brasil através dos registros narrados pelos colonizadores da nossa pátria e das particularidades de cada escola literária, a qual a literatura brasileira teve muitos períodos que trouxeram contribuições para a formação da mentalidade dos indivíduos, como exemplo o modernismo, que por meio de sua influência modificou os paradigmas da literatura.

Nesse sentido, “O que se chama modernismo, em termos de literatura brasileira, é um amplo movimento artístico iniciado na década de 1920, cujos desdobramentos de certa forma se prolongam até nossos dias” (JOBIM; SOUZA, 1987, p. 240). Toda via se tratando dos movimentos apresentados pela literatura brasileira, os períodos do pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo, merecem maior destaque pela proximidade com o estado atual, globalizado e contemporâneo em que vivemos.

Os artistas não ficaram à margem das transformações ocorridas na vida humana em consequência do desenvolvimento técnico e científico que marcou o início do século XX. Ao contrário, desde cedo manifestaram intenções de renovar os meios de expressão artística, pois sentiam que as formas tradicionais já não eram mais capazes de representar adequadamente o novo mundo que estava nascendo. Esse desejo de renovação explica o aparecimento de vários movimentos revolucionários, principalmente nas artes plásticas e na literatura, ocorridos na Europa nas primeiras décadas do século XX. (TUFANO, 1983, p. 120).

Segundo o autor, diante das mudanças sofridas em várias áreas da Europa, os artistas viram também a necessidade de transformações artísticas para mostrar uma nova visão do que estava acontecendo já que eles produziam baseando em algo que fosse próximo do real, e já que houve grandes evoluções técnicas e científicas, era preciso a arte se adequar também diante das novidades surgidas, ou seja, diante do moderno. Para entender melhor o movimento modernista é necessário conhecer e compreender como se deu seu surgimento no mundo e posteriormente chegar ao Brasil.

Jobim e Souza (1987) postulam que no começo do século XX mesmo com alterações devido à primeira guerra mundial como as instalações de um número grande de indústrias. No país a grande parte da produção era agrária. Por um momento existiu no Brasil a predominância da política do café com leite, liderados pelos paulistas e mineiros que era quem decidia o presidente que governaria o país sendo que este governaria conforme os

interesses dos seus líderes, nessa época havia bastantes fraudes nas eleições por parte dos candidatos e seus aliados em que o voto não era secreto. Mesmo assim houve movimentos oposicionistas como as greves no Rio de Janeiro, a greve operária em São Paulo entre outros.

Em relação à população brasileira no começo do século XX que viram grandes mudanças acontecer tiveram que se adequar diante das transformações, surgimentos e acontecimentos, Jobim e Souza (1987) se defendem que:

O Brasil passa de 17.318.556 habitantes em 1900 para 37.625.436 em 1930, ou seja, vai além de dobrar a sua população. Contribuíram para esta duplicação o aumento de expectativa de vida da população, com as novas descobertas da medicina e o saneamento básico, mas também o fluxo de imigrantes (mais de 2.000.000 entre 1900 e 1930). (JOBIM; SOUZA, 1987, p. 243-244).

Entende-se que, de acordo com o pensamento dos autores, com as evoluções científica e tecnológica as condições de vida dos habitantes são melhoradas, que como, por exemplo, com a evolução na medicina foi possível combater várias doenças que atingiam a população como a varíola, sarampo, coqueluche e a gripe espanhola, mudanças que diminuíram o número de mortes e aumentaram os índices de natalidade, sem falar no processo de imigração no qual vários estrangeiros vieram para o Brasil em busca de trabalho e condições de vida melhores.

Conforme Jobim e Souza (1987) houve um aumento das vias ferroviárias, das usinas elétricas e as indústrias de consumo com o baixo preço de energia e com a locomoção de transportes mais acessível nas primeiras décadas do século XX neste período o Brasil se destaca no meio econômico e no mercado tendo como principal produto o café que teve interesse internacional na exportação juntamente com a borracha, o cacau, entre outros produtos que levou capitalistas estrangeiros a investirem no país, conseguindo atingir grandes saldos comerciais (*cf.* BRASIL, 1980).

Se tratando do meio literário brasileiro que se manifestaram diante das grandes transformações ocorridas no Brasil e no mundo e em consonância com Jobim e Souza (1987). No começo do século XX, a literatura brasileira ainda apresentava marcas de outras escolas literárias, mas era notória a insatisfação com os padrões exigidos até então estabelecidos.

Principalmente diante de tantas transformações em que o país não ficaria de fora perante o surgimento da revolução artística na Europa. Neste cenário, o escritor brasileiro Oswald de Andrade toma conhecimento dessas novas correntes artísticas quando estava no velho continente. Ao retornar para o Brasil, o escritor divulga o movimento e com o entusiasmo dessas ideias a classe representada pelos artistas começa a se manifestar é aí onde

surge um novo movimento chamado de modernismo em que Oswald torna-se um grande representante dessa escola literária.

Braga (2009) afirma que mesmo que brasileiros tenham se baseado nas vanguardas surgidas no continente europeu, o modernismo no Brasil teve início com a semana de arte moderna, com características próprias da sociedade brasileira, ou seja, de acordo com a realidade vivida no momento.

Tratando do movimento modernista brasileiro crucial para a construção da identidade social na primeira fase a chamada geração de 22, os autores procuravam mostrar como era a realidade brasileira por meio de manifestações, fazendo isso eles queriam deseuropeizar a cultura brasileira. Para tanto, foram produzidos romances, manifestos e poesias. Nessa fase tiveram destaque autores como: Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Em relação ao surgimento do modernismo Candido e Castello (1997) vêm dizer:

A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: Um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa semana de arte moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo país, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do naturalismo, do parnasianismo e do simbolismo [...]. (CANDIDO; CASTELLO, 1997, p. 09).

Em consonância com os autores supracitados, o modernismo brasileiro teve uma grande importância na literatura brasileira. Após seu surgimento no estado de São Paulo, esse movimento foi difundido em todo Brasil, em que buscava modificar ou reestruturar o que tinha sobrado dos traços e marcas dos outros movimentos literários que antecederam o modernismo na literatura brasileira e ainda permaneciam mesmo com o transcorrer dos anos. Por outro lado existiam certo conservadorismo e resistência diante do novo, da modernização e das transformações do país.

O modernismo brasileiro surgiu em decorrência das transformações e acontecimentos ocorridos no mundo a ponto de atingir o Brasil que segundo Candido e Castello (1997) dentre elas pode-se destacar a primeira guerra mundial, que acabou causando mudanças na economia, política e indústria brasileira motivando a sociedade a uma nova mentalidade principalmente ao que diz respeito à educação e a arte.

A década de 1930 foi marcada, no Brasil, por problemas gerados pela crise econômica mundial, e diante dessas transformações e mudanças, a literatura e a arte tornam-se um veículo para manifestação das novas mentalidades em decorrência da modernização, sendo assim entende-se que o modernismo tentava mostrar a realidade brasileira atual daquela

época, com liberdade de expressão que conforme Candido e Castello (1997) o país estava sofrendo com as consequências da crise econômica mundial que prejudicou bastante a economia brasileira em relação à exportação do café.

Assim, entre as mudanças ocorridas surge um desejo de renovação no Brasil, em que a arte da literatura passa a ser um meio de expressar as novas mentalidades, ou seja, de evidenciar a realidade e a espiritualidade do país diante do surgimento de nova forma de expressão. Desse modo, é possível inferir que o modernismo procurava demonstrar os problemas da sociedade brasileira e da sua história atual com tamanha liberdade.

Esse período de mudanças também se estendeu, devido à segunda guerra mundial, por ter provocado o aumento do desejo de democracia na sociedade brasileira como também influenciou a industrialização ocasionando o aparecimento da classe operária. Daí Candido e Castello (1997) defenderem que esse clima de renovação permaneceu por alguns anos e fez despertar a economia e a mentalidade brasileira.

Os pontos em comum que os modernistas brasileiros apresentavam eram o desejo de expor seus sentimentos e emoções sem maquiagem a realidade brasileira tendo como destaque a liberdade de expressão, vocabulário e temas simples, na tentativa de se afastar do estilo europeu e retratar a modernização.

No que se refere a essa geração de novos escritores, Candido e Castello (1997) dizem que os modernistas de 1922 não acreditavam ser integrantes de um movimento literário nem tão pouco terem características parecidas e o que os uniam era a vontade de expor sem idealizações, emoções e sentimentos à realidade em que se encontrava o Brasil, e que os traços marcantes de suas escritas demonstravam a liberdade de criação e expressão, por meio do vocabulário e escolha dos temas.

A semana de arte moderna não aconteceu naturalmente, o que bastante influenciou foi a exposição de quadros de Anita Malfatti em 1917, que acabou por dividir o meio artístico praticamente em dois grupos: os conservadores atrelados ao convencional e os que queriam fazer arte de acordo com a modernização, porém segundo Candido e Castello (1997), há anos a literatura brasileira apresentava indícios de que algo estava sendo planejado. Desde então, começa um período de ideais de renovação como campanhas em jornais, poemas, composições de obras como *Paulicéia desvairada* de Mário de Andrade.

Em 1920, a semana de arte moderna começa a ser planejada por jovens de São Paulo tendo como principal representante o escritor Graça Aranha. Esse movimento aconteceu em 1922 com a presença de artistas não só de São Paulo, mas também do Rio de Janeiro em que

teve apresentação de esculturas e quadros, concertos, declamações e conferências que não agradou a todas, chegando a serem vaiados, mas os representantes do evento viram isso como um ponto positivo, e como representantes de um novo movimento literário. Entre eles foram: Manoel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. (cf. CANDIDO; CASTELLO, 1997)

No contexto de produções literárias, que entornou a geração de 22, Braga (2009) defende que simultaneamente surgiram muitos grupos de artistas que buscavam uma identidade nacional, como por exemplo, o manifesto Pau-Brasil e a antropofagia, produzidos por Oswald de Andrade e lançado em março de 1924 tendo como pontos: “A luta por uma nova linguagem” e “A descoberta do popular”.

Sobre o assunto Tufano (1983) também afirma que o período de tempo compreendido entre 1922 e 1930 foi uma época marcada por uma grande euforia, em que os modernistas travaram um combate, devido seus ideais renovadores e que não se abateram diante das críticas e da rejeição conservadora, chegando a responder em seus escritos com tons considerados agressivos. Já em 1930 a 1945, depois dessa questão de combate e euforia, outros escritores acabam se destacando por consolidar o novo movimento, resultando assim em uma geração amadurecida com relação os de 1922 a 1930.

2.3 Um breve destaque para a arte da poesia modernista no Brasil

No período literário modernista brasileiro, tanto a poesia quanto a prosa tiveram destaque na literatura, sendo que na primeira fase destaca-se mais a poesia com a geração de 22, que tiveram destaque alguns escritores como Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e Vinicius de Moraes. Já a segunda fase foi marcada pela prosa, sendo chamada por críticos literários como romance de 30, como é o caso de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

O processo de implantação do movimento literário intitulado de modernismo elencou várias mudanças nos gêneros literários precedentes principalmente entre os anos de 1922 e 1930, pode-se apresentar como exemplo, a poesia que adquiriu características típicas da prosa como o vocabulário e suas temáticas assim a prosa voltou para os aspectos da poesia:

Na poesia, nota-se desde logo um abandono das formas poéticas consagradas, que haviam sido cristalizadas pelo parnasianismo. Há uma espécie de extravasamento geral de lirismo em formas livres, sob as quais não reconhecemos mais as estruturas tradicionais, a não ser quando o poeta, intencionalmente, as pratica em sentido quase humorístico, ou com qualquer outra intenção [...] (CANDIDO; CASTELLO, 1997, p 21-22).

Ao fazer uma apreciação detalhada do trecho supracitado percebe-se, que diante desses pronunciamentos dos autores, a poesia moderna teve muitas modificações quanto à forma, já não se tinha mais preocupação com relação à estética, nem mais detalhamentos quanto aos versos e à metrificação. Assim, tudo era produzido de forma livre sem busca de perfeição. Os escritores ousavam da sua liberdade de expressão, sem a necessidade de seguir regras, um exemplo disso foi o uso do verso livre pelos autores modernistas, pode-se dizer que foi uma grande ruptura como os padrões exigidos pela poesia parnasiana.

Para Candido e Castello (1997) “os aspectos contingentes” da poesia que tiveram início em 1929 teve como efeito uma admirável “safra lírica” que, conseqüentemente, marcou a década de 1930 pela mixagem entre a “poesia de luta” e a “poesia permanente” com abrangência desde o “quotidiano” ao “pitoresco”.

De acordo com Braga (2009) muitos escritores se destacavam no tipo de temáticas que se identificavam, e acabaram formando outro grupo de poetas, os que estavam mais ligados ao meio social, político e religioso em que podemos destacar: “o socialismo de Carlos Drummond”; os aspectos religiosos de Jorge de Lima e o conservadorismo da igreja católica de Vinicius de Moraes.

2.4 A prosa modernista

Na década de 30, diante de grandes transformações ocorridas no Brasil como a revolução de 1930 e a crise na economia mundial, houve o surgimento de outros grandes escritores, principalmente na prosa, que se manifestavam principalmente por meio da crítica social.

Candido e Castello (1997) dissertam que na década de 30, o romance teve um grande destaque no meio literário, e se tornou importante igualmente do que pode ser visto em 1880 a 1910. Os escritores dessa época adquiriram novos aspectos para suas escritas, momento em que estavam mais amadurecidos.

Conforme Braga (2009) a estagnação da atividade econômica que o Brasil sofreu foi conseqüência da revolução de 1930 por causa da queda da bolsa de Nova York. A revolução foi uma conseqüência para a modernização do país, isso porque Getúlio Vargas tinha uma proposta de projeto de fortalecimento do estado incentivando a industrialização, como também universalizar o ensino público e estabelecer políticas sociais. Na primeira fase do

regime, a democracia era mantida só por aparências, chegando há não mais existir diante do estado novo.

A forma como os autores denunciavam as barbáries sociais contra a humanidade afetava não só as massas, mas a comodidade da elite dominante e as consequências de tais denúncias atingiam alto grau de punição abrangendo desde prisões a exílios. Em consonância com Braga (2009), o golpe comunista comandado por Luís Carlos Prestes, não teve sucesso, dessa forma muitos opositores do governo foram reprimidos dentre eles alguns intelectuais como, por exemplo, o escritor Jorge Amado que foi exilado no Uruguai, Graciliano Ramos que foi preso e Erico Veríssimo controlado pelo departamento de ordem política e social.

Os escritores pertencentes a essa geração como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Dyonélio Machado deram maior prioridade em suas escritas, aspectos sociais e ideológicos, afiliando-se ao Partido Comunista Brasileiro.

Segundo Santos (2017), na década de 30, a literatura brasileira teve grande importância para o nosso país, pois pôde ser vista como forma de perceber a realidade. Época na qual se destacou o regionalismo e nos romances os escritores destacaram muito a região do nordeste para mostrar como era a realidade dessa região.

Portanto, pode-se ver que o modernismo brasileiro foi de grande importância na literatura brasileira, momento marcante de nossa sociedade em que os escritores viram por meio da literatura uma forma de mostrar a sociedade diante das transformações ocorridas e da modernização que acontecia no Brasil como também o surgimento de grandes escritores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queirós e Jorge Amado que tem obras bastante reconhecidas na nossa literatura como: *Vidas Secas*, *Menino de Engenho*, *A Bagaceira* e *Capitães de Areia*, obras aspectos ideológicos e sociais.

3 JOSÉ CORDEIRO E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE

. Nesta narrativa, o autor faz uma alusão sobre a vida dos trabalhadores e o trabalho semiescravo a que eram submetidos pelos patrões na produção de cacau, sobretudo o romance é considerado autobiográfico por retratar situações que fizeram parte da vida do autor, envolvendo fazendeiros e trabalhadores na produção do cacau no sul da Bahia.

O início da obra apresenta uma breve descrição da tarefa diária dos peões nas lavouras de cacau em dia de chuva, em seguida faz um retrocesso temporal para descrever a infância e origem do personagem José Cordeiro, que é filho do dono de uma fábrica de “fiação” em Sergipe. Após a morte do pai, seu tio toma posse de tudo que sua família possuía, aos quinze anos passa a trabalhar no pesado tendo o tio por patrão. Certa vez, em decorrência de uma desavença com o tio para defender seus sentimentos por uma mulher, o sergipano é despedido e, sem trabalho viaja para o sul do estado da Bahia em busca de um recomeço.

Estando lá, e com ajuda de Roberto guarda civil que conhece na rua, ele é apresentado a um sujeito uma espécie de apontador, que indica uma fazenda onde pode lhe oferecer trabalho. Ele chega a seu destino e começa a trabalhar na fazenda do coronel Manoel Mizael Teles, na roça de cacau em rotina de trabalho semiescravo, pois o pouco que ganhava quase sempre não dava nem para comprar o necessário para sobreviver.

3.1 A história de José Cordeiro

O livro *Cacau* foi originalmente publicado em 1933, com autoria do escritor Jorge Amado, a obra pertence à segunda fase da prosa modernista brasileira, essa amostra prosaica de obras da nossa literatura foi marcada pelo regionalismo e a denúncia social Em que pode ser exemplificado pelo trecho:

Nós ganhávamos três mil e quinhentos por dia e parecíamos satisfeitos. Ríamos e pilheriávamos. No entanto nenhum de nós conseguia economizar um tostão que fosse. A despensa levava todo nosso saldo. A maioria dos trabalhadores devia ao coronel e estava amarrada à fazenda. Também quem entendia as contas de João Vermelho, o despenseiro? Éramos quase todos analfabetos. Devíamos... [...] (AMADO, 2010, p. 14).

A obra tem em seu início uma apresentação breve em forma de descrição da tarefa diária dos peões, e o pouco que ganhavam só dava para comprar o necessário para sobreviver, e pagar as contas da despensa que pertencia ao dono da fazenda e repassava os produtos como

carne seca e feijão a preços altíssimos. Marx e Engels (2014) afirmam que o trabalhador recebe seu dinheiro em troca do seu trabalho, o burguês toma de volta e neste caso em troca de mercadorias básicas para sobrevivência alguma forma, ou seja, os burgueses pagam salário para requerê-lo de volta. Assim, é possível inferir que a personagem tem consciência do sistema que o subjuga e dos mecanismos que servem para estabelecer o controle sobre ele, além disso, a dívida é uma forma de escravidão moderna.

Marx e Engels (2014) se posicionam a respeito do trabalho dos proletários, os autores postulam que o salário serve para a reprodução do trabalho. Dessa forma, o dinheiro que o trabalhador ganha é em troca da exploração de sua força de trabalho e para a reprodução da força de trabalho.

Em seguida, acontece uma analepse na narrativa, que, de acordo com Genette (1995) consiste na volta a um ponto anterior no tempo, uma anacronia, ou seja, “Diferentes formas de discordância entre a ordem da história e a da narrativa” (GENETTE, 1995, p. 34). Assim, a personagem descreve a infância e a sua origem, fala sobre seus pais, o que possuíam, onde moravam, seus valores emocionais, como a dor da perda do pai e das posses da família que foram reclamadas pelo tio gatuno.

Pouco me recordo de meu pai. Ficamos muito crianças eu e minha irmã, ela com três, eu com cinco anos, quando ele morreu. Lembro-me apenas que minha mãe soluçava, os cabelos caídos sobre o rosto pálido, e que meu tio, vestido de preto, abraçava os presentes com uma cara hipócrita de tristeza [...] Meu tio provou, com uma papelada imensa, que a fábrica era dele só [...] nós morávamos então num enorme e secular sobrado, ex-morada particular dos governadores, uma pesadíssima porta de entrada, as janelas irregulares, todo pintado de vermelho, grandes quartos, nos quais eu e Elza nos perdíamos durante o dia brincado de picula [...] (AMADO, 2010, p, 16-17 e 20).

Pode-se ver que Cordeiro nasceu de origem nobre, em consequência de ser filho do dono de uma fábrica têxtil, com boas condições de moradia, mas que foi vítima da ambição de seu tio, que, pela descrição do personagem, a morte do seu irmão não o abalou nem um pouco. Diante da ambição do tio e a fragilidade emocional que a família passava o ocorrido foi visto como uma oportunidade de dirigir os negócios e se tornar o legítimo dono da fábrica do pai de José, que só tinha interesses na fábrica quando ela estava gerando lucro.

Quando meu pai morreu e após meu tio declarar a nossa miséria, fomos morar numa casinhola no começo de uma ladeira. Eu fiquei muito mais perto do proletariado da “Cu com Bunda” do que da aristocracia da decadente São Cristóvão. Acostumei-me a jogar futebol com os filhos dos operários. (AMADO, 2010, p. 23).

Neste trecho podemos perceber que a personagem nasceu dentro da classe aristocrata, mas juntamente com sua família foi vítima de um golpe que seu tio aplicou logo após a morte de seu pai, a família perde a fábrica e a antiga casa-de-luxo onde morava. Diante desse fato, fica sujeito a morar em um casebre próximo aos demais operários da cidade de São Cristóvão no estado do Sergipe. Esse triste fato faz toda diferença na vida de José Cordeiro e agora ele passa a ser tipicamente operário tanto quanto os demais trabalhadores. Tem-se então a repentina transição social da personagem de aristocrata a proletário, talvez por isso ele consiga reconhecer que a ganância pelo dinheiro não faz bem a sociedade como um todo e que as riquezas advêm da exploração e da desigualdade social.

Dentre seus momentos de tormenta, pode-se destacar a passagem de sua vida que o levou a ir embora de Sergipe rumo à Bahia. Esse fato se deu quando ainda com vinte anos revoltou-se contra o tio e patrão e o agrediu por causa de seus sentimentos pela jovem Margarida, dessa forma ele foi obrigado por questão de sobrevivência a deixar a casa e a família e buscar uma nova vida longe dali. Diante da situação a que se encontrava, viaja para o sul do estado da Bahia em busca de um recomeço.

[...] Aos vinte, o pensamento de me amigar com a Margarida, operária como eu. Isso me deu maus resultados. Meu tio andava também de olho na Margarida, que ostentava uns seios altos e alvos, junto a um rosto de criança travessa. Margarida um dia me contou que o patrão andava a apalpá-la. E ria, cínica. Eu acho que foi o seu riso que me fez ir às fuças do meu tio. Estraguei lhe a cara hipócrita. Fui despedido. (AMADO, 2010, p. 25).

A vida da personagem ao decorrer da carreira como funcionário do próprio tio poderia ter dado certo se ele não tivesse se envolvido com uma mulher-da-vida e agredido a seu tio por ciúmes, esse fato o obrigou a migrar para fugir do tio e buscar trabalho para sobreviver em outro lugar distante dali. Assim, desde o início da fase adulta de sua vida, Cordeiro já se mostra subversivo. Quando resolvido o rumo de sua partida, ele viaja e passa por momentos até de descrença de seus valores religiosos em decorrência da fome e da solidão, uma fagulha de seu espírito questionador. José põe em cheque a existência de um deus bondoso que permite a miséria e desigualdade entre os homens e que serve a manutenção do *status quo* da sociedade.

Nota-se que José sempre foi subversivo, não é submisso às ordens do patrão, mesmo precisando de trabalho, ele desobedece e agride o patrão por não aceitar tanta hipocrisia e injustiças, como consequência ele obviamente é demitido. Essa característica fica nítida em mais de um momento na narrativa, quando ele agride o tio patrão, transgredindo a ordem

burguesa; e outro quando ele deixa a mulher que ama - Mária, por ela propor a ascensão social à personagem e não querer continuar com ele pertencendo à classe trabalhadora, viver como mulher de alugado.

Chegando à Bahia lá e com ajuda de Roberto, guarda civil que conhece na rua, ele é apresentado a um sujeito, uma espécie de apontador, que indica uma fazenda onde pode lhe oferecer trabalho. Ele chega a seu destino e começa a trabalhar na fazenda do coronel Manoel Mizael Teles, na roça de cacau em rotina de trabalho semiescravo, pois o pouco que ganhava quase sempre não dava nem para comprar o necessário para sobreviver.

Como se pode observar a personagem José Cordeiro tem um destaque grande na obra, onde ele começa a contar sua história de vida, e logo já começamos a perceber que é um personagem protagonista, segundo os pressupostos de Gancho (2009) o protagonista é um tipo de personagem existente nas narrativas em que tem maior destaque e suas características superam as dos outros personagens.

Além disso, ao mesmo momento, ele é próprio narrador da obra, ou seja, é um narrador em primeira pessoa que conta sua própria história e de seus colegas de trabalho. Assim, o personagem pode ser interpretado como representante de sua classe e sua narrativa como a história de um sujeito pertencente ao proletariado que quer dar voz à sua classe.

Nessas passagens começamos a perceber quais os traços da obra em que evidenciamos influências do socialismo, através dessa divisão e mudança de classes que vai tratar o romance, José Cordeiro enquanto filho de industrial morava em uma casa grande e de boas condições, após a perda de seus bens passa a viver em uma humilde casa, e a pertencer à outra classe social.

A história de José Cordeiro reflete muito a realidade vivida de muitos trabalhadores no Brasil de décadas passadas, lembramos aqui o posicionamento de Cândido (2009, p. 55) sobre a personagem quando nos diz: “a personagem é um ser fictício [...] é algo que sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial [...]”, ou seja, o autor afirma que o personagem é um ser criado e irreal mesmo assim ele tem características semelhantes de pessoas reais que se aproxima da realidade, com seus conflitos, anseios, ações, características físicas e psicológicas e outros aspectos humanos.

Durante toda a narrativa pode-se perceber que José tem características que demonstram sua boa conduta. Ele tem boas qualidades e pode ser classificado, de acordo com a teoria de Gancho (2009), como herói, o mocinho da história, é o que podemos ver nessa passagem do texto:

- Quanto é?
- Três mil-réis.
- Dei-lhe os meus últimos cinco mil-réis.
- Obrigado, filhinho, quando eu ficar boa de todo, você será o meu xodó. É a primeira pessoa de coração que eu encontro aqui pelo sul. (AMADO, 2010, p. 68).

É possível notar o grau de generosidade dele que dá o único dinheiro que tinha para ajudar a quem estava precisando mais que ele, pois percebe que o dinheiro era por uma causa justa, ao contrário dos burgueses que não se preocupam com os mais necessitados, e só fazem explorá-los.

Assim, pode-se contrapor o comportamento de Cordeiro, o representante do proletariado, com o comportamento do irmão de seu pai, um dos representantes da burguesia na narrativa: “[...] Meu tio, dono, estava bem mais velho e mais vermelho e mais rico [...] Dava esmolas unicamente ao convento (onde papava jantares) e ao orfanato [...]” (AMADO, 2010, p. 24-25). Vemos que O tio representante da classe burguesa, só ajuda a os que de alguma forma recompensem seus gastos, não ajudava por um ato de generosidade.

Pelas peripécias protagonizadas por José Cordeiro como esbofetear seu tio, fugir do Sergipe para Bahia, por causa de uma prostituta, seus posicionamentos ideológicos, valores morais e em consonância com os posicionamentos citados anteriormente como sendo defendido por Gancho (2009), o protagonista da obra *Cacau* pode ser explicitamente classificado como: redondo por conter várias características que o definem, como ideológicas, sociais e morais, no decorrer da narrativa ele vai se modificando, Que de acordo com a classificação Gancho (2009) as personagens redondas possuem várias características são muito complexas e sofrem mudanças durante a narrativa.

3.2 A identificação com Colodino e a oposição a Algemiro

Enquanto os trabalhadores exerciam o trabalho mal pago e não podiam consumir o produto do seu trabalho, assim “A maioria dos alugados e empreiteiros só conhecia do chocolate aquele cheiro parecido que o cacau tem.” (AMADO, 2010, p. 75),

Apenas os burgueses podiam consumir o chocolate produzido pelos proletários, os alugados só tinham dever de trabalhar e dar vida boa para os patrões que usufruíam do trabalho sem trabalhar e enriquecendo cada vez mais. Exceto algum trabalhador que por ser submisso ao patrão e ter ideais semelhantes a ele conseguia alguma coisa como é o caso de Algemiro, em que pode ser observado nesse trecho.

Ninguém reclamava. Tudo estava certo. A gente vivia quase fora do mundo e a nossa miséria não interessava a ninguém. A gente ia vivendo por viver. Só muito de longe surgia a ideia de que um dia aquilo podia mudar. Como, não sabíamos. Nós todos não poderíamos chegar a fazendeiros. Em mil, um enriquecia. Na fazenda fraternidade só Algemiro conseguira alguma coisa. [...]. Como havíamos, pois de sair daquela situação de miséria? Pensávamos nisso as vezes. [...] (AMADO, 2010, p. 53).

Os trabalhadores por certos momentos se conformavam com suas próprias sortes, sem expectativas de melhoria de vida, mas no fundo tinham esperanças de mudanças, que suas vidas havia melhorar, mas para isso só se mudassem de rumo porque na fazenda em que trabalhavam somente seu colega, Algemiro, tinha conseguido, por ser um adulator e mandante do patrão. José Cordeiro tinha noção da reificação dos sujeitos, sem direitos a usufruir do que construíam por intermédio do trabalho, só conheciam o lado mais amargo do fruto que colhiam, só tinham acesso ao cheiro da mercadoria que produziam.

Voltei-me para Colodino:

- Isso continuará sempre assim, Colodino?

Ele, de todos nós, parecia o único a ter uma certa intuição de que alguma coisa, um dia ...

- É impossível. Tem que mudar.

- Como?

- É o que não sei...

Algemiro opinava:

- É trabalhar para enriquecer.

- Não - Colodino discordava -, assim haverá patrões e alugados.

-Sempre haverá, seja como for. (AMADO, 2010, p. 101).

É possível notar a semelhança da personagem protagonista com Colodino, eles tinham bastante aproximação não só por morarem na mesma casinhola, mas também tinham grandes afinidades de ideias, como o desejo de mudança e igualdade. Esse fenômeno artístico é denominado de caracterização por similitude, segundo Pallottine (1989), que se apresenta por personagens em pares. Por outro lado tem-se caracterização por contraste, ocorre com o distanciamento com o personagem Algemiro que tinha alguns privilégios e condições melhores que os outros, o mais próximo de Mané Frajelo.

Diferente de Cordeiro e Colodino que buscam apenas igualdade, Algemiro pensava apenas em ficar rico, tinha um desejo de poder, ocupar também um lugar de patrão na sociedade, enquanto os outros dois personagens almejavam transgredir a ordem burguesa e distribuir as riquezas, Algemiro deseja a manutenção de uma ordem desigual. Marx e Engels (2014, p. 107) postulam que: “Opressores e oprimidos, sempre se opuseram um ao outro,

travando uma constante luta, às vezes aberta outras vezes oculta”, ou seja, sempre há divergências entre classes, principalmente entre quem detém o poder com os que são vítimas desse domínio.

3.3 A oposição entre burguesia e trabalhadores sob a ótica de Cordeiro

Para melhor compreender o mundo da personagem, podemos nos debruçar sobre seu nome, que mesmo a narrativa venha só citá-lo bem adiante no desenrolar da história. O personagem protagonista tem o nome de José Cordeiro vulgo “Cearense”, analisando a significação de Cordeiro que representa o coletivo é como uma espécie de líder que vai guiando seu rebanho, um animal que faz parte de um rebanho, na simbologia cristã a imagem do animal é relacionada ao próprio Cristo. Segundo¹ o Dicionário de Nomes Próprios o nome José significa “aquele que acrescenta” com “acréscimo do senhor”.

Vale destacar que José também atende pelo nome de Sergipano que era chamado na narrativa por ele ser do Sergipe que também faz menção ao coletivo a posição que o personagem assume no romance e que no decorrer da narrativa ele vai exercendo o papel de um representante da classe proletária.

Assim pode-se entender que é por isso a necessidade de todo um cuidado na hora da criação do personagem, deve-se levar em conta muitos aspectos, principalmente no que diz respeito à sua caracterização e suas ações. Em que é apontada na obra como personagem protagonista, e como todo personagem principal, ele tem uma história de vida marcada por momentos únicos como qualquer pessoa.

Todo histórico da personagem José Cordeiro ao longo da obra, inclusive no início, quando mostrava que ele pertencia à aristocracia tem-se cuidado todo especial em defender de forma indireta que os valores socialistas demonstrados por ele não são agregados a sua forma de ser ou de agir apenas depois que ele passa a representar mais um da classe proletária, e sim ao longo de sua vida.

José não compreende como as prostitutas acreditam em santos e na religião cristã, mesmo sendo discriminadas na sociedade, principalmente pela igreja que reitera e refrata o preconceito social:

¹ <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/jose/>

Nunca pude compreender por que os prostíbulos vivem cheios de quadros e estatuetas de Santos. Na Rua da Lama era assim. A imagem de nosso senhor do Bonfim, todas as casas possuíam. Antonieta antes de deitar com um macho rezava [...]. Eu fico pensando no dia em que a Rua da Lama se levantar, despedaçar as imagens dos santos, tomar conta das cozinhas ricas. Nesse dia até filhos elas poderão ter. (AMADO, 2010, p. 72-73).

Fica claro no texto que as mulheres que viviam da prostituição, embora sendo discriminadas, acreditavam na religião da classe dominante pelo fato de serem dominadas ideologicamente, assim, infere-se que a sustentação do consenso existente entre as classes distintas são as ideologias. As rameiras acreditavam que viviam dessa forma como sendo um castigo de Deus, neste caso a função da ideologia é dissimular a desigualdade social.

Porém, José Cordeiro compreende o espaço onde está inserido além das ideologias, sendo capaz de ver aquilo que a maioria não consegue – por exemplo, os dogmas cristãos burgueses, as opressões políticas – a ponto de chegar a acreditar que havia até a possibilidade de um dia essas mulheres mudarem de vida e conseqüentemente não se conformarem com que a religião pregava e ter direito de construir uma família já que, pela profissão, esse fato lhes era vetado. Assim, Cordeiro infere, como pressupõe Althusser (1999), que o proletariado deve assumir os aparelhos ideológicos de estado e disseminar as ideologias de sua classe, para, posteriormente destruir tais aparelhos. A principal maneira de acabar com a dominação e com a exploração sustentada e fundamentada nas ideologias burguesas.

[...] Os interesses, as condições de vida no interior trona-se cada vez mais iguais na medida em que a maquinaria supera as diferenças no trabalho, empurrando por quase todas as partes o salário em um nível igualmente baixo. [...] os trabalhadores começam a formar coalisões contra a burguesia; unem-se pela defesa de seus salários. Eles fundam associações mais permanentes para se prepararem para essas revoltas eventuais. Aqui e ali, irrompem novamente a luta. (MARX; ENGELS, 2014, p. 119).

Segundo essa explanação tem-se um princípio básico do dinamismo necessário para que haja uma organização social para em seguida passar pelo processo de vanguarda no combate ao fator de repressão massiva que conduz ao choque direto de forças para transpor a realidade e conseqüentemente alcançar as mudanças almeçadas. Temos neste campo então o combustível que na medida em que é consumido há em contrapartida a concretização do ideário das massas.

A personagem demonstra a consciência da exploração, da relação de interdependência que existe entre as classes. Esse desejo de mudança não era só por parte de José, mas também de seus companheiros de trabalho e de residência, o que pode ser notado no trecho:

Honório afirmava:

- Um dia eu mato esses coronéis todos e a gente divide isso.

Nós ríamos. E não sei por que a riqueza não nos tentava muito. Nós queríamos um pouco mais de conforto para a nossa bem grande miséria. Mais animais do que homens, tínhamos um vocabulário reduzidíssimo onde os palavrões imperavam. Eu, naquele tempo, como os outros trabalhadores, nada sabia das lutas de classe. Mas adivinhávamos qualquer coisa. (AMADO, 2010, p. 53-54).

Cordeiro e seus colegas não tinham ambições e desejo de enriquecerem, o que eles queriam era que as riquezas dos coronéis fossem divididas com os trabalhadores. A personagem mostra a união que ia surgindo da classe proletária na fazenda e a revolta que tinham do patrão. Que para Marx e Engels (2014) as lutas da classe trabalhadora começam isoladas depois eles vão se unindo e vão se fortalecendo até se oporem a burguesia:

Ao esboçarmos as fases mais gerais do desenvolvimento do proletariado, nós acompanhamos a guerra civil mais ou menos encoberta no interior da sociedade existente, até o ponto em que ela irrompe em uma revolução aberta e o proletariado funda o seu domínio com a derrubada violenta da burguesia. (MARX; ENGELS, 2014, p. 123).

Conforme os autores as revoluções proletárias contra a burguesia, começam antes de tudo com a indignação e insatisfação não declarada oficialmente. Como se pode ver no trecho acima em que Honório sente um desejo de revolução pela força bruta, enquanto José é mais voltado para parte dos argumentos. No momento em que o proletariado se une, ele fica mais fortalecido e então as lutas pelos seus ideais ganham mais força, assim como a conscientização de outros trabalhadores.

Diante desta perspectiva Marx e Engels (2014) definem o proletariado como um aglomerado de semelhantes com fortes tendências à integração social, uma vez que se conhecem e se relacionam tendem a formar grupos, unirem-se enquanto trabalhadores para lutar por seus anseios.

Os conflitos entre diferentes classes constantemente presenciado nas mídias até mesmo nas sociedades compõem um fator histórico no que se refere à convivência social. Dessa forma pretende-se explorar esse fator como uma característica do comportamento humano: Sociável. É o que se vê em Marx e Engels (2014) ao afirmarem que: “A moderna sociedade burguesa, que surgiu das ruínas da sociedade feudal, não eliminou os antagonismos de classe. Ela apenas colocou, no lugar das antigas, novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta.” (MARX; ENGELS, 2014, p. 107). Não demora muito e José Cordeiro é posto diante de uma oportunidade de emprego nas fazendas de cacau e o fato mais

impactante que se pode perceber é que ele agora tem de aprender até o uso de palavras empregadas em sentido diferente do que conhecia:

– Está você alugado do Coronel.
Estranhei o termo:
– A gente aluga máquina, burro, tudo, mas gente não.
– Pois nessas terras do Sul, gente também se aluga.
O termo me humilhava. Alugado... Eu estava reduzido a muito menos que homem...
(AMADO, 2010, p. 34-35).

O fato de a personagem desconhecer o termo usado pelo baiano causa estranheza, e para o leitor despreparado é difícil compreender até localização no trecho proferido pelo sujeito que atende pelo nome de: 98 “- Pois nessas terras do Sul, gente também se aluga”, remete-se ao sul da região nordeste do Brasil e mostra o limite da desvalorização humana a ponto de alugar-se até mesmo o sujeito.

Para Marx e Engels (2014) no momento em que o capital cresce, também cresce a classe proletária moderna, o homem é um complemento da máquina vez que o trabalho disponível serve apenas para sobreviverem chegando a serem tratados como animais e objetos de exploração, servindo principalmente para o aumento do capital burguês.

Há uma grande possibilidade de abordagens diante da obra *Cacau* e para evidenciar esse fato pode-se destacar uma relação existente na dimensão de tempo e espaço no que se refere às localizações geográficas habitadas pelo Cearense, refere-se aqui a transição que ele apresenta quando revela ao leitor que morava na Rua Cu Com Bunda no estado de Sergipe esse nome faz menção a algo que tem sua existência solta, o termo vulgar que nomeia tal localidade traz uma carga de desordem e de dispersão, revela o preconceito social que existe contra as classes baixas, contra os pobres.

Quando o autor apresenta transição local da personagem para a Fazenda Fraternidade no estado da Bahia percebe-se que o passar do tempo com suas adversidades lhe trouxeram novas possibilidades, uma mudança na forma de nova perspectiva mais definida, mais focada; seu destino agora é coletivo, não mais é somente pessoal e individual suas atitudes não definem apenas o seu futuro, mas de toda a classe por ele representada.

Ao chegar ao seu destino, Cordeiro começa ter consciência da dura realidade enfrentada pela classe trabalhadora como também a afetividade e a união dos trabalhadores, no espaço em que todos que moram com ele vivem a serviço dos patrões e das mesmas condições de sobrevivência.

ANTÔNIO BARRIGUINHA não me deu almoço nesse dia. Deu-me Honório. Eu fui morar com ele numa casa de palha com um único cômodo que servia de quarto, sala e cozinha. [...] Morávamos quatro na casinha. Honório, gigantesco, os dentes brancos sempre a rirem na boca negra; Colodino, carpina, que estava construindo barcaças para o coronel, e João Grilo, mulato magro, que sabia anedotas. (AMADO, 2010, p. 48).

Nessa passagem do texto vemos como era o ambiente onde o personagem passou a conviver, após ser trabalhador alugado, espaço onde mora não tem divisões, tinha que dividir com mais três pessoas, enquanto que o coronel vivia em uma enorme casa de boas condições, com boa alimentação, temos uma representação micro de uma utópica sociedade sem classes, onde a união prevalece sobre o egoísmo.

Na obra, as mulheres que vivem do ato sexual são denominadas rameiras e, além disso, a maioria delas começa seus trabalhos com pouca idade. As prostitutas vivem em uma rua afastada das demais, o nome do local faz referência tanto às características físicas do ambiente como à exclusão social: “Além da tal rua de dois quilômetros, existia em Pirangi um beco sem saída, ao qual chamavam com razão de ‘Rua da Lama’. Apesar do lamaçal, as senhoras casadas temiam aquela rua de mulheres perdidas.” (AMADO, 2010, p. 69). Não era apenas pela aparência, era o espaço dos excluídos, mas também pelo que se praticava naquele lugar, percebe-se uma crítica social, uma denúncia da hipocrisia do casamento, os homens traíam as mulheres, os burgueses exploram as classes mais baixas sexualmente, que para as mulheres casadas significava ameaça eminente, local de perdição e de acúmulo de atitudes errôneas, considerando os preceitos morais burgueses.

Portanto, pode-se perceber a presença da classe trabalhadora, custa caro que além de má vista pelas mulheres em posições sociais superiores, representa a exclusão social, o olhar sobre si que reflete o olhar da sociedade. O protagonista tem em mente uma triagem perfeitamente clara do valor que uma prostituta tem aos olhos de quem a usa, aqui se evidencia que essas mulheres são privadas do respeito, da oportunidade de amor e dignidade, equiparando-as a um simples objeto de prazer usado por pobres, como no caso de João Grilo e por ricos como Ozório.

O poder econômico e social dos proprietários das fazendas de cacau era composto pelo sistema de exploração e opressão, da parte dos mais afortunados em relação aos menos favorecidos. O acúmulo de riquezas é resultado da exploração com apoio de autoridades políticas e religiosas, é o que ser notado:

O padre, vestido de ouro e seda, nos metia inveja. Fazia depois um sermão bem falado. Afirmava que a gente devia obedecer aos patrões e aos padres. Que não se devia dar ouvidos a teorias igualitárias (a gente ficava morto de vontade para saber destas teorias). Ameaçava com o inferno aos maus, que se revoltassem. Oferecia o céu aos que se conformassem.

Casais há muito amigados deixavam-se benzer pelo padre. E apesar de ficarem casados no religioso, Deus não melhorava a sua sorte. Continuavam na mesma miséria de todo dia.

Terminadas as cerimônias, o padre sorria para o coronel, o coronel sorria para os presentes e iam para a mesa, enfeitada de flores, vinhos e galinhas. O coronel mandava dar cachaça à gente. Nossa carne-seca era a mesma e o feijão também. (AMADO, 2010, p. 92).

Marx (2010) fala que a religião é uma forma de romantizar a condição dos explorados: “A crítica [a religião] arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche” (MARX, 2010, p. 145). As flores que existem nos grilhões e as flores na mesa do coronel. Nesse caso, o desabrochar da flor é a libertação dos grilhões, o mesmo desejo de José Cordeiro, não continuar enxergando aquela situação de maneira romantizada. “A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo.” (MARX, 2010, p. 146), Marx aponta o fator social religião como algo supérfluo resultante da deficiência de compreensão da humanidade, enquanto o homem não se esclarece sobre si e sobre a sociedade, ele continuará sendo manipulado e moldado pela religião. Com isso ele sugere que a lacuna interior ocupada pela religião é perfeitamente preenchida pelo autoconhecimento individual e de mundo.

Notadamente temos uma breve passagem que descreve a influência que a personagem do padre exerce na vida dos trabalhadores da roça, esses momentos ocorriam apenas uma vez por ano e durante o evento religioso eram quitadas várias pendências dos fieis com relação à santa igreja, sendo que as principais consequências deste ato eram algumas travessuras feitas pelas crianças, o péssimo apadrinhamento arranjado de improviso, o aumento do prestígio do coronel. Fato importante é que o padre, uma pessoa representante da igreja católica, que deveria estar ao lado das pessoas mais humildes e sofridas, estava defendendo a classe dominante, os coronéis, e o poder que exerciam sobre as classes oprimidas, que eram obrigadas a obedecerem, caso se revoltassem eram punidas, essa é a função da ideologia, dissimular uma situação de injustiça, tratando-a como se fosse natural.

Percebe-se claramente no romance como era o duro o trabalho dos alugados na produção do cacau, que dava bastante lucro para os fazendeiros, trabalhavam como animais dia após dia, diante da exposição do sol que queimava bastante seus ombros sem vestimentas

como também em baixo de chuva, sem contar que depois não tinham direito de ter uma boa alimentação, e lugar em boas condições para descansar.

As barcaças compridas e largas davam a ideia de um grupo de feras com as bocas escancaradas, que dormissem ao sol. Os caroços secavam. Nós, duas vezes por dia, dançávamos sobre eles, uma dança na qual só os pés se moviam. O sol queimava os ombros nus. O cocho, ao fundo, retângulo sujo, por cujas frestas escorria um líquido viscoso, parecia uma ratoeira. E dominava tudo, a estufa, onde o cacau secava nos dias de chuva a força de fogo, com seu forno alto. (AMADO, 1933, p. 79).

Um detalhe interessante é que ele narra como funciona o processo de beneficiamento da amêndoa do cacau, onde os trabalhadores além de coletarem os frutos, eles também tinham que retirar as amêndoas e amassar com os pés para ir soltando a polpa do fruto do cacau e ao fazer isso essa poupa ficava liquefeita.

Dessa forma o ambiente de trabalho ficava todo ornado por um líquido pastoso, derretido que, juntamente com o suor e a sujeira, chegava a se tornar uma situação incômoda só que de todo processo que eles tinham que fazerem e de todo peso físico que tem nesse trecho ele acrescenta que além de trabalharem com os ombros no sol havia um agravamento ainda maior quando era dia de chuva, que o sol não aparecia, aí era preciso fazer esse processo dentro de galpões ao calor de fornalhas. Então assim claramente esse trecho mostra em resumo a intensidade da lida árdua que esses trabalhadores eram sujeitos.

Esta mostra de prestação de serviço em troca de valor monetário tem dentre outras a função de evidenciar que a burguesia depende exclusivamente do proletariado, ou seja, o lucro do burguês existe porque existe o proletário para, em oferta de trabalho, fornecer capital a seu patrão:

[...] A burguesia encontra-se em permanente luta: no início, contra a aristocracia; depois, contra partes da própria burguesia, cujos interesses entraram em contradição com o avanço da indústria; e sempre contra a burguesia de todos os países. Em todas essas lutas, ela se vê obrigada a apelar ao proletariado, a recorrer a sua ajuda dessa forma arrastá-lo ao movimento político. Nesse caso, ela leva ao proletariado os elementos de sua própria formação, ou seja, armas contra si mesma. (MARX; ENGELS, 2014, p. 120).

Pretende-se aqui destacar a relação de dependência da burguesia em função do proletariado, dessa forma ela torna-se dependente por duas vistas distintas: a primeira delas é o fato de que seu lucro só existe porque tem o proletário para lhe dispor serviço, e a segunda situação de dependência se dá quando se vale do proletariado para enfrentar os próprios impasses da burguesia, porém para que isso aconteça a burguesia se sujeita a compartilhar

informações pertinentes exclusivamente a classe burguesa, ela precisa agravar a situação dos trabalhadores, contratar mais trabalhadores e unir a classe dos trabalhadores, assim vai fazer com que a classe se esclareça em relação a ela mesma e tenha à sua frente a própria condição a qual são expostos. Assim pode-se perceber que quando o proletário dispõe de sua força em defesa da burguesia ele ganha mais detalhes sobre o conhecimento de causa, aumentando assim as chances de vitória nas batalhas em defesa de seus próprios ideais.

Com relação ao surgimento da mentalidade da burguesia, quando falamos em adubar o processo de comercialização de tudo que é a raiz do capitalismo, sobre esse fascínio de retirar lucro de tudo, Marx e Engels (2014) falam:

A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, bem como o conjunto das relações sociais [...] A permanente transformação da produção, a ininterrupta perturbação do conjunto de sociedade, a eterna insegurança e movimento diferencia a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações fixas e rígidas com o seu séquito de ideias e opiniões veneráveis são dissolvidas, todas as novas envelhecem antes que possam se ossificar. Tudo o que era sólido e permanente se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profano, e as pessoas finalmente são obrigadas a encarar friamente sua posição na vida, suas relações comuns. (MARX; ENGELS, 2014, p. 111).

Esse fato é algo que surge e devidamente cresce, mas ele cresce de uma forma que sofre metamorfose ou mutações porque ao passo que vai quebrando a velha sociedade, a velha tradição que vinha da monarquia, ele também vai modificando aquilo que a própria burguesia já criou, então há uma corrida tão intensa para que se obtenha lucro diante de tudo e qualquer coisa que se possa imaginar a tal ponto de tornar um processo de hiperconsumo da própria realidade quando surge e dali parte o lucro, mas se aquele lucro não está tão favorável, aquilo já é destruído e substituído por outra coisa.

José Cordeiro não se conforma com algumas atitudes do Coronel, gestos que demonstram abuso de poder, submissão e violência desnecessária: “Colodino fechava os olhos e cerrava os punhos. Mas ficávamos todos parados, sem um gesto. Era o coronel quem batia e demais o castigado derrubara um coco de cacau. De cacau... Maldito cacau...” (AMADO, 2010, p. 99). José Cordeiro sente raiva da situação e do cacau, por motivo de um garoto ser castigado pelo simples fato de derrubar apenas um fruto onde lá tinha uma enorme produção, sua indignação é tanta que chega amaldiçoar o cacau, e apontar que é por causa dele que eles são explorados, gerando cada vez mais ganância, ambição, desejo de riqueza.

Como toda família aristocrata era comum ter filhos, então a família de Mané Frajelo, o coronel, era formada por ele e a esposa, um filho e uma filha, que quando de férias vinham

para fazenda juntamente com seus pais onde na narração do protagonista percebemos como era o caráter do filho do patrão: “Mas nas fazendas de cacau há sempre uma coisa que se chama o filho do coronel, que é estudante na Bahia, é ignorante e estúpido. Mané Frajelo tinha um filho também, o Osório, que vagabundava pela escola de direito há alguns anos...” (AMADO, 2010, p. 57). De acordo com a visão de Cordeiro, Osório, filho do patrão e pertencente à classe burguesa herdara o mau caráter de seu pai, frequentava a faculdade só para manter o *status* e a aparência. Além disso, o jovem costumava seduzir as filhas dos trabalhadores da fazenda e depois abandoná-las, no entanto não sentia remorso, culpa ou era punido de alguma forma. Assim, José Cordeiro sabe que os ricos exploram os pobres não só por meio do trabalho, mas nas relações amorosas. As meninas usadas sexualmente eram condenadas pela sociedade e punidas com a exclusão de viver da prostituição na rua da lama.

3.4 O amadurecimento com Mária

Dentre os vários momentos e cenas em que aparecem os diálogos entre as principais categorias sociais da obra, a maior frequência deles ocorre entre o Sergipano e Mária, a filha do patrão, inicialmente eles apontam argumentos ideológicos opostos (o rico e o pobre, o patrão e o subordinado, o homem e a mulher), e que ao longo da trama e as oposições são mantidas e reiteradas, mas vem-se o desabrochar de um amor que para ser atingido se transforma em várias etapas diferentes, passa pelo respeito e atinge o sentimento amoroso para ter seu arremate com na dor da rejeição, na negação de um sentimento em detrimento dos valores próprios do protagonista.

Ao término da obra *Cacau* é apresentado um dilema entre o trabalhador José Cordeiro e Mária, filha do Coronel Mané Frajelo, sendo que o enlace que os envolvem gira em torno de duas dimensões distintas: os sentimentos recíprocos e a diferença de classe social a que pertencem. Mária, filha rica do patrão, letrada, escritora de poemas, enquanto que José Cordeiro é trabalhador pobre, submisso, pertencente ao mundo dos injustiçados pelas condições do trabalho quase escravo. Porém, pelo fato de ter sido escolhido para servir a família rica durante a estadia de Mária para os festejo na fazenda no mês de junho, o cearense tem oportunidade de mostrar sua essência em diálogos, inicialmente, ásperos com a filha de Mané Frajelo:

- Por que é que vocês odeiam tanto a gente? Nós somos culpados de vocês não serem ricos?
- Nós não queremos ser ricos.
- O que querem, então?
- Sei lá... (AMADO, 2010, p. 104).

Neste trecho, nota-se um breve diálogo entre representantes das duas principais classes sociais do enredo de *Cacau*. Há uma clara exposição de ideologia pré-concebidas que se confrontam evidenciando conclusões precipitadas quanto ao posicionamento de uma das personagens envolvidas.

A jovem Mária entende ser odiada por não ter consciência da verdadeira face de exploração à qual os trabalhadores são submetidos; enquanto que o representante dos trabalhadores, neste diálogo, deixa bem claro que não procura por culpados de sua desgraça e que também não tem a ambição de ser rico. No momento em que cearense responde para a moça que não sabe o que quer, ele evidencia que não sabe colocar em palavras seus objetivos de vida, mas que tem a convicção de lutar a todo custo para a realização de seus ideais de vida.

Mesmo não exteriorizando seus ideais, o protagonista deixa a entender que não quer ser rico, mas, ser tratado como cidadão sem ser explorado pelo seu patrão e ter um trabalho digno em que todos pudessem ter os mesmos direitos perante a sociedade sem essa divisão de classes entre ricos e pobres, do oprimido e opressor.

De acordo com Pallottini (1989) é necessário colocar a caracterização social da personagem, que posição ocupa na sociedade, e que classe pertence, suas crenças, os valores, sua convicção moral e política, amores, e etc. o que facilita caracterizá-lo psicologicamente, e tentar compreender seus sentimentos, emoções, ideologias e outros traços, tanto psicológicos, quanto sociais.

No desfecho da narrativa vemos cada vez mais a união da classe trabalhadora, que não se deixa abater pelas ameaças do patrão: “- Descubra quem foi para papai despedir. Fitei-a com um olhar tal que ela se amedrontou um instante. Reagiu logo, porém: - Não trai os outros, não é? Vocês todos não valem o que comem.” (AMADO, 2010, p. 106).

Essa proposição tem peso de graves consequências, principalmente nos dias atuais, porque o proletário é envolvido numa forma de vida na qual somente tem o que produz, o trabalho, e a não existência de trabalho assalariado determina o fim da classe proletária descartando qualquer possibilidade de ascensão ou existência da burguesia. Ou seja, não existirá mais exploração de trabalho só com o fim do capital, a acumulação do trabalho, um bem que busca a mais valia.

Passado algum tempo que Mária e José Cordeiro haviam se conhecido por acaso ele descobre que a filha do patrão estava a escrever poemas e em uma conversa dos dois ela diz que vai escrever inclusive sobre a fazenda como se observa:

Eu estou com vontade de fazer uma descrição da fazenda...
 - Boa ideia.
 -... das festas, da beleza das roças, da vida boa de vocês...
 - Boa?
 - E então, é má?
 - É péssima.
 - Vocês têm casa, comida, roupa e saldo...
 - Raras vezes.
 - Acham isso pouco?
 - Bastaria à senhorita?
 - Você é ousado. Com que direito me interroga?
 - A senhorita vai escrever sobre a nossa vida e eu não quero que a senhorita seja desonesta.
 - Procure seu lugar... (AMADO, 2010, p. 111).

Como se pode ver, fica clara a intenção de Mária: escrever uma história sobre a fazenda do seu pai, mas falando do lado bom da fazenda, e José fica indignado por ela não apresentar a realidade do que acontece da exploração do trabalho, da vida sofrida deles, que na visão dela não era vida ruim, ele sim tinha consciência da injustiça social que era vítima. José desafia a filha do patrão, se mostra esclarecido sobre a desigualdade e não se cala perante a injustiça.

Este aspecto avarento e orgulhoso da jovem aparece para o leitor na forma de contraposição de ideais, e é importante destacar que em momentos como estes há a participação de Cearense para equilibrar estas exposições ideológicas e funciona como uma lição humanitária e moralista com se vê em:

Mária passava, orgulhosa como uma deusa, sem os ver.
 No meio da estrada, um cego pedia esmola, os cabelos brancos, Mária jogava um níquel. Um dia lembrei-lhe:
 - Foi trabalhador do coronel. Cegou...
 - Não me interessa. Cale-se.
 - Talvez que se ele soubesse que a esmola era de senhorita não aceitasse...
 (AMADO, 2010, p. 113).

Após Mária dar esmola a um cego, José conta a ela que ele foi trabalhador do seu pai, e isto o faz refletir que aquela esmola que o pobre recebe do rico vem da exploração sofrida de seu próprio trabalho, que o rico só dá aquilo que de alguma forma tem tirado (cf. MARX; ENGELS, 2014).

Em outra passagem, a personagem, Cearense, expressa abertamente seu entendimento sobre a realidade da condição humana para Mária, porém é instantaneamente repreendido pela moça que não se cala e nem se deixa abater pelas palavras do sergipano ao entendimento do rapaz:

- Nós todos somos iguais. Somos todos explorados...
- Não seja tolo- enraivecia-se. – Vocês também odeiam a gente sem saber se há bons e maus.
- Eu contei-lhe a minha história, que ela ouviu silenciosa. Concluí:
- Como vê, senhorita, sou igual a todos eles. Nós somos laia à parte. Eu vim de gente boa. Hoje, porém, sou inteiramente deles e estou contente com isso.
- Com passar mal?
- Não vale a pena ser rico. E quem sabe se um dia isso mudará...
- Você é socialista?
- Não conheço essa palavra. (AMADO, 2010, p. 112).

É nítido o diferencial ideológico apresentado pelo casal, o que Mária não sabia é que o Cearense tem origem nobre igual a ela e que as circunstâncias que ele teve de enfrentar no passado o levou a ser o que ele é no momento da conversa. Esse fato causa tanta surpresa para a jovem que ela a ponto de perguntar se ele é socialista. Nota-se que embora Mária esteja como representante do opressor, neste momento da obra ela mostra preocupar-se com que os trabalhadores pensam por isso ela associa a postura de José Cordeiro com a de um socialista.

Diante do pensamento dos autores, os conflitos entre as classes foi algo que sempre se estabeleceu, à medida que foi desaparecendo algumas classes, outras foram se formando novas rivalidades vão surgindo por terem ideais opostos.

Nota-se que mesmo José não conhecendo as teorias socialistas, ele tem ideais semelhantes, que é percebido por Mária, ele acredita que tudo um dia pode mudar, e ter uma sociedade mais justa, com direitos iguais, em que a classe trabalhadora conquistará seu espaço, otimismo utópico presente inclusive na obra de Marx quando fala que no futuro existirá uma sociedade sem classes.

O resultado imediato das conversas protagonizadas por Cearense e Mária é imediato de tal modo a despertar um sentimento amoroso entre os jovens, principalmente após os comentários da leitura de uma obra verossimilhante a realidade deles:

À noite [...] Senti que gostava de Mária e qualquer coisa me dizia que ela não me era indiferente. Mas aquilo lá podia ser... Eu era um trabalhador, simples alugado, com três mil e quinhentos réis por dia, umas calças “porta de loja”, unhas sujas e mãos calosas. É verdade que Antonieta se exodozara por mim. Porém, Antonieta não passava de uma prostituta de última classe. Mária, não. Mária era filha do patrão do homem mais rico do Sul do Estado, o rei do cacau [...]. (AMADO, 2010, p. 146)

Neste fluxo de memória do Cearense apresentado neste trecho, existe a exposição de ideologias organizadas em torno do status social a que José Cordeiro pertence, bem como seu amor, a filha de Mané Frajelo e a prostituta Antonieta. Depois de esquematizar a situação amorosa a que estava sujeito, José Cordeiro descarta a possibilidade de seguir com esse caso de amor e ainda considera, segundo suas ideias, que pode até não ter Mária a seu lado, mas sempre existirão prostitutas prontas para satisfazer as necessidades sexuais daqueles que estejam dispostos a pagar por isso.

Ao descobrir seu amor por Mária, filha do seu patrão, o sergipano descarta a possibilidade de um romance entre os dois, pois a diferença de classe é um empecilho que impedirá a concretização do amor, pois ele é um simples trabalhador, e ela uma moça rica da alta sociedade.

O reencontro do casal ocorrido após esse episódio de reflexão trouxe o desfecho do fim do possível amor entre o empregado e a filha do patrão:

– E agora? – ela perguntava de novo.
 – Eu sou alugado. Ganho três mil-réis por dia.
 – Deixe disso.
 Mostrou-se mulher forte. (AMADO, 2010, p. 151).

José Cordeiro abre seu coração para a moça e se apresenta interessado por ela, mas que não enxerga progresso em vivenciar este sentimento com a jovem pelo fato de que ele não deixaria seus ideais, não mudaria seu destino, suas raízes, sua essência, não iria trair sua classe.

Diante da situação Mária, que além de representar a classe dominante também representa a astúcia feminina, sugere que adotem uma alternativa radical, do ponto de vista seu pai, para poderem levar o sentimento de ambos adiante, a personagem tenta comprar José Cordeiro, no entanto, ele não se vende:

– Faremos o irremediável. Papai subirá às nuvens mas não tem jeito. Se conformará. Lhe dará uma roça, você será patrão.
 Curvei a cabeça fitando o chão. Amassava folhas com a mão. Longe, pela estrada, Honório passou com a foice ao ombro. Me decidi:
 – Não, Mária. Continuo trabalhando. Se você quiser ser mulher de alugado...
 [...]
 No outro dia me despedi dos camaradas. O vento balançava os campos e pela primeira vez senti a beleza ambiente.
 Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e com razão.
 Na curva da estrada voltei-me. Honório acenava adeus com a mão enorme. Na varanda da casa-grande o vento agitava os cabelos louros de Mária.

Eu partia para a luta de coração limpo e feliz. (AMADO, 2010, p. 151-153).

O trecho selecionado mostra que o curto espaço de tempo que a jovem conviveu com o alugado, foi suficiente para ambos desenvolverem laços afetivos de tal forma que a moça considerou entregar-se ao jovem José Cordeiro e assim induzir seu pai a permitir o casamento deles.

Como podemos ver também, a jovem não é correspondida como queria, pois, Cordeiro abre mão das regalias que teria se casasse com a jovem e opta pela luta de classes com seus semelhantes na busca de melhorias, tudo isso porque José Cordeiro não tinha seu interior preenchido com orgulho ambicioso e sim uma vasta consciência humanitária.

É necessário considerar também a simbologia da foice empunhada por Honório, ferramenta que representa o comunismo que tinha como foco a luta de classes, busca de igualdade entre o proletário e a burguesia, ou seja, oprimido e opressor, assim pode-se constantemente perceber no romance os traços da luta comunista e da consciência de classe de José Cordeiro.

Além dos fatos anteriormente citados o “não” de José Cordeiro tem a carga de significação que encontramos em Marx e Engels (2014) que define a longa distância que há entre Cearense e Mária pelo simples fato de terem nascido em extremos fortemente opostos:

Todas as classes se conquistaram a dominação do passado procuraram assegurar as suas condições de vida já conquistadas submetendo o conjunto da sociedade às condições de sua conquista. Os proletários só podem conquistar as forças produtivas sociais abolindo a seu próprio modo de apropriação, e com isso todo modo de apropriação existente até agora. Os proletários nada têm de seu para assegurar, eles têm que destruir todas as garantias e seguranças particulares existentes. (MARX; ENGELS, 2014, p. 122).

Como mencionadas anteriormente as condições para a manutenção da vida, saúde e dignidade da classe proletária são cercadas de limitações, de bloqueios que partem desde o cognitivo até modo o qual essa classe manifesta sua existência. Diante dessa perspectiva, se José Cordeiro resolvesse viver esse romance, teria de abrir mão de tudo àquilo que lhe foi lapidado ao logo de sua vida, dessa forma ele estaria traindo a si mesmo, vez que tal mudança se traduz no José Cordeiro que nasceu burguês, cresceu como proletário e casou com moça rica, volta à burguesia, para onde irão assim seus princípios, suas ideias, seus desejos, que espécie de homem seria capaz de dizer uma coisa e fazer outra?

Nessa perspectiva, a personagem destrói, desmonta, quebra o paradigma de melhorar apenas para si mesmo, pensamento típico do burguês, e decide de uma vez por todas que sua luta classista é indubitavelmente superior a sua causa própria.

Existe ainda o espaço para o diálogo entre estas categorias, que acontece durante o envolvimento de José Cordeiro e Mária da mesma forma que permite a exposição de classes secundárias como Roberto a representar o servidor público, o padre a representar a religião e as rameiras a representarem o lado da “perdição” da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho foi bastante proveitosa para aquisição de conhecimentos e ampliação das teorias para o ensino de literatura brasileira no período modernista ao mesmo tempo teve-se bastante dificuldade em realiza-la pela obra não ser muito conhecida pelos leitores mesmo ao passo que é tão importante para os seres sociais por evidenciar traços da realidade brasileira, como também por tratar da teoria socialista que desde sua criação tem trazido polêmicas, discursões e discordâncias a respeito do que ela propõe.

Perante a realização desta pesquisa, foi possível conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento da literatura brasileira, no que diz respeito ao modernismo brasileiro e o seu surgimento, momento de grande importância na literatura e no país, que veio acompanhado de grandes transformações políticas, econômicas, artísticas, arquitetônicas e sociais.

Para alcançar a inovação modernista os representantes dessa escola literária viram a necessidade de mudanças no meio artístico, como forma de romper com os padrões tradicionais, que como apresentado teve início com a geração de 22 dando continuidade com a geração de 30, mas que viram também na literatura uma forma de denunciar as mazelas de uma sociedade como as desigualdades e problemas sociais existentes no país.

Diante do desenvolvimento deste trabalho tornou-se possível adquirir maior esclarecimento quanto às formas de exploração da classe operária como também outras classes oprimidas por parte da burguesia, isso sob a ótica do personagem protagonista do romance José Cordeiro em uma fazenda produtora de cacau no sul da Bahia.

Ao fazer um levante de todo trabalho, pode-se perceber que os objetivos foram alcançados, como também responder a questão de pesquisa elencada através da narração e os posicionamentos ideológicos de Cordeiro em que se pode perceber que a luta de classes é representada pelos os que detêm o poder por parte do opressor como é caso do coronel e da igreja representado pelo padre; e pelos oprimidos, a classes desfavorecidas, como no caso os trabalhadores, e as rameiras.

Dessa forma são bastante explícitos os traços socialistas na obra *Cacau* de Jorge Amado, como a representação da luta e diferença de classe; e diante da análise proposta por essa pesquisa e o conteúdo do diálogo da personagem com Mária sobre as diferenças que ambos representam no enredo é possível afirmar que a consciência de classe de Cordeiro rege suas atitudes, e é esse fato que dá ação a narrativa.

A realização deste trabalho foi amplamente satisfatória no que se refere ao fato conhecer um pouco a mais sobre o mundo dos personagens de ficção e suas características. Através da narração da personagem José Cordeiro, que demonstra seus sentimentos, emoções, desejos, ideais, valores e anseios ficam nitidamente notório que: mesmo que venham de um personagem fictício apresenta as mesmas características como qualquer outro ser humano.

Dessa forma, entende-se que realização desta pesquisa contribuirá tanto para que a obra Cacau torne-se mais apreciada pelos leitores como também conhecer um pouco mais sobre o socialismo do filósofo Karl Marx por meio dos levantamentos apresentados neste trabalho.

A elaboração deste trabalho servirá para o surgimento de outras pesquisas futuras a respeito deste tema e dessa obra que é tão carregada de significações e de importância não só na literatura, mas também partindo de uma perspectiva sociológica, pois os fatos narrados nessa narrativa tem uma conexão com os acontecimentos da realidade humana, dentro de um meio social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo. **A bagaceira**. 37 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2004.

AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. 175 p.

ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

ARAÚJO, Sílvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia: Volume Único: Ensino Médio**. São Paulo: Scipione. 2013. 304 p.

BRAGA, Maria Alice da Silva. Modernismo. *In*: Universidade Luterana do Brasil (Org). **Literatura brasileira II**. Curitiba: Editora Ibepex. 2009. p 160-173.

CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. **Cacau: romance de propaganda**. Editora da UFPR. Letras, Curitiba-Paraná. li. 48. 1997. p. 11-24.

CANDIDO, Antonio. et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: perspectiva. 2009

CANDIDO, Antonio; CATELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e crítica**. Vol. 2. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.

FERREIRA, João Paulo. Jorge Amado: do romance proletário ao romance histórico. Uma discussão sobre mediações da forma estética e conteúdo sócio-histórico. **Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx**. Marx e o Marxismo, p. 67-84, v.6, n.10, jan/jun 2018.

FIGUEREDO, Vinicius de. **Filósofos na sala de aula, Vol. 2**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia. 2007. 239 p.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. **Teoria da literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Editora da universidade estadual de Maringá, 2009.

GANCHO, Candida Vilares. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1994. 57 p.

JOBIM, José Luís. SOUZA, Roberto Acízelo de. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987. 399 p.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2. ed. Revista. São Paulo: Boitempo. 2010.

MARTINS JÚNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalho de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2012. 247 p.

MARX, Carl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

MICHALISZYN, Mario Sergio. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos monografias e artigos científicos**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 213 p.

PALLOTTINE, Renata. **Dramaturgia: Construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos / da escola à academia**. 3. ed., 1. reimp. São Paulo: Rêspel, 2008. 260 p.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. 73º ed. São Paulo: Arx, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Orgs.). **Caderno de leituras - O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula**. Textos por José Castello et al. Imagem da capa por Edu Simões. Imagens do miolo por Acervo Fundação Casa de Jorge Amado et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 104 p. , il. (Coleção Jorge Amado). ISBN 978-85-359-1509-9.

SANTOS, João Paulo Ferreira dos. **Jorge Amado e o romance histórico do cacau**. Brasília, 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura). Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **Caderno de leituras: o universo de Jorge Amado. Orientações para o trabalho em sala de aula**. São Paulo: schwarcz. 2009, p 22-33.

SILVA, Alberto Alves da. **Jorge Amado: Tempos de Incerteza Engajamento**. *In*: Seminário de Iniciação Científica e V Jornada de Pesquisa e Pós-Graduação, VIII, 2010, Goiás. **Anais do VIII Seminário de Iniciação Científica e V Jornada de Pesquisa e Pós-Graduação**. Goiás, Departamento de História UEG – UnU – Iporá, 2010. p 1-15.

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Moderna, 1983.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 129 ed. Rio de Janeiro: Record. 2015. 175 p.